Projeções Culturais da Revolução Farroupilha

Cláudio Moreira Bento (*)

Para se avaliar as projeções culturais da Revolução Farroupilha no transcurso dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, impõem-se inicialmente recordar-se de maneira sintética as suas causas e o seu desenvolvimento estratégico a seguir.

De 1835-45 teve lugar na então Província do Rio Grande de São Pedro, a Revolução Farroupilha. Ela foi resultado da insensibilidade do governo central e intolerância do provincial, em defesa de interesses do que na época eram classificados de "galegalidade", ou lei dos galegos ou portugueses, que ainda exerciam grande influência no Brasil, apesar da Independência, em 7 de setembro de 1822.

Segundo o historiador Arthur Ferreira Filho, esta revolução "foi a mais importante das guerras civis sul-americanas pela sua longa duração, beleza de seus ideais e valor de seus campeões" e a mais importante do Ciclo Federalista (1824-48) iniciado com a Confederação do Equador e encerrado com a Revolta Praieira de 1848, segundo Décio Freitas.

Ela teve início em 20 setembro de 1835, com a conquista farrapa de Porto Alegre.

Esta revolução consagrou, aos 41 anos, como pacificador da Família Brasileira, ameaçada de dividir-se pelas lutas fratricidas do período 1831-45, e como tático e estrategista, o maior de nossos generais – Luís Alves de Lima e Silva – o Duque de Caxias, além de inspirado e bem-sucedido administrador, como Presidente da Província, segundo pesquisas de Riopardense de Macedo, Ângelo Pires Moreira, Walter Spalding, Moacyr Flores, conforme abordamos em

(*) Historiador e Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Porto Alegre – memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias (Brasília: EGGF, 1989).

Para maior facilidade de entendimento abordaremos a Revolução em 5 fases:

1ª Fase – Vitória da Revolução (20 set 1835 – 15 jan 1836 – cerca de 4 meses)

Consistiu na tomada de posse pelos revolucionários de Porto Alegre, em 20 setembro de 1835, seguida, no mês de outubro, de diversas ações para superar reações apresentadas em Rio Pardo, São Gabriel, Pelotas, São José do Norte, Rio Grande, Herval do Sul e Colônia São Leopoldo.

Ao final do mês, as principais lideranças militares contra a revolução haviam sido neutralizadas ou obrigadas a imigrar. O Presidente da Província, deposto, havia se dirigido ao Rio de Janeiro. Ficou todo o Rio Grande do Sul em poder dos revolucionários que colocaram na presidência da Província o Dr. Marciano Ribeiro (médico mineiro), deputado e, no local do Comandante - das - Armas – o Cel. de Estado - Maior do Exército Bento Manuel Ribeiro, há pouco destituído do comando da Fronteira do Rio Pardo. Atuaram quase, em uníssono, na ação revolucionária, a Guarda Nacional e a guarnição do Exército da Província, a maior do Brasil.

A revolução resultou da união de interesses dos estancieiros revoltados com o pesado imposto sobre a légua de campo, dos estancieiros pelo protecionismo ao charque platino em detrimento do gaúcho e as lideranças do Exército contra a erradicação do mesmo, traduzida pela diminuição perigosa dos efetivos das unidades e destinação das mesmas para áreas afastadas sob o argumento que o Exército era destinado a defesa do litoral e das fronteiras. Isto motivou a revolta dos comandantes de 3 das 4 unidades de Cavalaria e da unidade de Infantaria (major João Manoel Lima e Silva) e da de Artilharia (major José Mariano de Mattos). Haviam deixado há pouco o comando da Cavalaria em Jaguarão o Cel. de Estado - Maior do Exército Bento Gonçalves da Silva e o da de Rio Pardo, o também Cel. de Estado-Maior do Exército Bento Manoel Ribeiro. E outras lideranças militares farrapas sairam dos quartéis do Exército como o demonstramos em O Exército farrapo e os seus chefes. Rio de Ja-

neiro: BIBLIEx, 1992.2v. E inclusive o ten Manoel Luiz Osório, até antes de ela assumir sua feição de República em 11 de junho de 1936.

A revolução ocorreu de surpresa, aproveitando a situação dos comandantes das Armas da Província e o da Fronteira do Jaguarão, principais reações esperadas, estarem em suas estâncias, crentes de que o líder político militar do movimento, o estancieiro e coronel de Estado - Maior do Exército Bento Gonçalves da Silva, comandante Superior da Guarda Nacional da Província, encontrava-se em Corrientes, na Argentina, em licença. O governo central era exercido pelos liberais. A maior reação correu sob a liderança do Cel. José da Silva Tavares, a partir de Herval do Sul atual e pai do Gen. Hon Joca Tavares que liderou os federalistas em Bagé em 1893-95.

2ª Fase – República Rio-Grandense proclamada e instalada é obrigada a imigrar (15 jan 1835 – 28 mar 1837 – cerca de 14 meses)

Com a nomeação do novo presidente da Província, Dr. Araújo Ribeiro, pelo governo central, esta autoridade assumiu o governo na cidade do Rio Grande, em 15 de janeiro de 1836, ponto estratégico militar que retornou ao controle do governo central, através de hábil manobra política. Ponto estratégico que serviu para o governo, no Rio, introduzir, via marítima, importantes reforços militares terrestres e navais, para consolidar aquela posição e combater, a partir dela, a revolução. Aderiu à causa legal o coronel Bento Manuel Ribeiro, fator importante que evitou o ataque de reconquista da cidade do Rio Grande pelos revolucionários.

No confronto que se seguiu, segundo Canabarro Reichardt houve divergências de estratégias entre Bento Gonçalves, líder político-militar e o major do Exército João Manoel de Lima e Silva, Comandante-das-armas da Revolução.

O primeiro teria sido favorável à concentração para derrotar Bento Manuel para, a seguir, investir a cidade de Rio Grande.

O segundo teria sido favorável ao investimento a um só tempo, de Bento Manuel, na campanha, e da cidade do Rio Grande. Dessa hesitação teria decorrido serem os revolucionários batidos por partes, com a perda definitiva de Porto Alegre, em 15 de julho de 1836, reconquistada num ousado golpe de mão pelo então major Manuel

Marques de Souza, seguido da prisão do governo revolucionário chefiado pelo mineiro Marciano Ribeiro, parente do Regente Feijó, e que foi enviado para o Rio. Isto provocou a desistência de João Manuel de investir Rio Grande e pouco depois, a prisão de Bento Gonçalves, em 4 de outubro de 1836, na Ilha do Fanfa. Este fato ocorreu quando retirava-se Porto Alegre, numa frustrada tentativa de reconquistar aquela capital ou mantê-la sob sítio terrestre. O bloqueio farrapo, em Itapoã, da navegação imperial, foi neutralizado em 28 de agosto de 1836.

Neste quadro extremamente adverso, o coronel Antônio de Souza Netto, com sua brigada Liberal, bateu em Seival, em 10 de setembro de 1836, a força legal de Silva Tavares, proclamada no dia seguinte, em Campo do Menezes, a República Rio-Grandense, logo reconhecida pela Câmara de Jaguarão e a seguir pela de Piratini.

Pressionado por Bento Manuel, os chefes revolucionários, João Manoel e Antônio Netto reuniram suas forças em Piratini sob a proteção da Serra dos Tapes, escolhida capital da República Rio-Grandense para instalarem e estruturarem seu Exército.

Em 4 de dezembro de 1836, sob pressão imperial, a República Rio-Grandense e o seu Exército foram obrigados pelo coronel Bento Manoel Ribeiro a se internarem no Uruguai. Deixaram o Rio Grande sob controle militar dos imperiais. Bento Gonçalves foi escolhido o Presidente da República e Comandante-em-Chefe de seu Exército, quando se encontrava preso no Rio de Janeiro.

Assumiu a lidença militar farrapa o Coronel Antônio de Souza Netto, em substituição ao primeiro general da República João Manoel de Lima e Silva que internou-se no Uruguai para tratar de ferimento no rosto, recebido no combate de São Gonçalo, de 2 de junho de 1836, em Pelotas. Já se assinalava nesta altura, reação à sua liderança militar, por suas condições de saúde precárias.

3ª Fase – Retorno da República do Uruguai para viver sua fase áurea (28 mar 1837 – 18 jul 1839 – cerca de 27 meses)

Desinteligências entre o presidente da província brigadeiro Antero Ferreira Brito e o seu comandante-das-armas, o Coronel Bento Manoel Ribeiro, terminaram por modificar o curso da revolução.

O Presidente saiu de Poto Alegre para prender e destituir seu Comandante-das-armas. Mas este antecipou-se e prendeu o presidente, em 28 de março de 1837, no Passo de Itapevi, em Alegrete. Assim Bento Manoel, pela segunda e última vez, passou-se para o lado republicano, para onde levou a vitória, como fiel da balança e novo ponto de inflexão da guerra em favor da revolução. O brigadeiro Antero Ferreira Brito que havia sido Ministro da Guerra 1832-35 ficou preso nove meses pela República, inclusive sob custódia de orientais, no Uruguai.

Os republicanos então retornaram ao Rio Grande. Restabeleceram a capital em Piratini, conquistaram Caçapava em 8 de abril de 1837 e colocaram sob sítio em 13 de maio de 1837, a capital de Porto Alegre. Sítio que se prolongaria por três anos. Conquistaram triunfo, em 15 de agosto, onde pereceu heroicamente o Cel. imperial Gabriel Gomes Lisboa. Três dias depois, em São Borja, teve lugar a morte brutal, depois de emboscado e torturado, do general republicano João Manoel Lima e Silva, aos 32 anos. Era tio do futuro Duque de Caxias e irmão do Cel. Manoel da Fonseca Lima e Silva, Barão de Suruí, casado com uma sobrinha e irmão de Caxias e que era então Ministro da Guerra de Feijó, o qual renunciou logo após em 19 de setembro de 1837.

Os republicanos ao colocarem Porto Alegre sob sítio terrestre objetivaram estratégicamente, segundo interpreto:

1 - fixar importantes efetivos na capital;
2 - impedir apoio mútuo terrestre, Rio Grande – Porto Alegre;
3 - impedir envio reforços terrestres de Rio Grande a Porto Alegre, pelo litoral, ou a partir de Santa Catarina;
4 - impedir expansão de pontos fortes terrestres, com apoio naval, ao longo do Jacuí e seus afluentes, assegurando, assim, a livre circulação e comunicações republicanas no interior do Rio Grande e, em particular, de Porto Alegre com a Campanha e Missões;
5 - melhor realizar a espionagem dentro dos muros da sitiada Porto Alegre, através de agentes republicanos infiltrados;
6 - assegurar, ali, a articulação da Campanha com a região serrana (Cima da Serra) e, em decorrência, com Santa Catarina e São Paulo, por terra.

Assim, enquanto os republicanos mantiveram Porto Alegre sob sítio, viveram o período áureo e de maior segurança no campo militar. Foi em razão do alto sentido estratégico do sítio republicano de Porto Alegre, que por cerca de três anos e esforço militar imperial concentrou-se em levantá-lo.

Desempenhou então destacado papel para defender e apoiar logisticamente Porto Alegre sitiada, o seu filho – o tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu, no comando do célebre esquadrão da Barra e depois 5º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional.

Ação que exerceu a partir de outubro de 1837, através do Forte da Picata ou de Chico Pedro, que estabeleceu como sua base de operações em Ilha, na foz do rio Jacuí com o Guaíba, ligado à margem oposta ao porto de Porto Alegre, por uma picada, exploramos este aspecto em *Porto Alegre memória dos sítios farrapos...*

A partir daí, em diversas ações com Cavalaria e Infantaria, ao longo da Lagoa dos Patos até o rio Camaquã e, ao longo do rio Jacuí até o Rio Pardo, com apoio naval, realizou memoráveis golpes-de-mão sobre os republicanos, inquietando-os, aprisionando-os e trazendo gado para alimentar as tropas, a população e os hospitais de Porto Alegre, aumentando, assim, a capacidade de resistencia da capital. Atuou como uma espécie hoje de tropa de fuzileiros navais transportados inclusive pela barca *Liberal*, barco a vapor pioneiro no Brasil, em operações militares e construído em Pelotas, em 1832, a inspiração inclusive de Domingos José de Almeida – "o mineiro que foi célebre e maior estadista da República Rio-Grandense", conforme estudamos (RIHGB, nº 338, 1983).

Toda essa movimentação revolucionária de dois anos, até 15 de setembro de 1839, foi realizada com o governo central nas mãos do Partido Liberal. Neste período foram enviados ao Sul 1.904 homens. Eles representaram cerca de 17% do efetivo total enviado até a pacificação. A Drª. Helga L.L Piccolo esclareceu de modo pioneiro os reflexos da Revolução Farroupilha no Parlamento Nacional e vice-versa.

Assumindo o governo o Partido Conservador, foi intensificado o combate à Revolução, com envio de reforços, até abril de 1839, no total de 5.772 homens, ou cerca de 30% o total enviado até a pacificação.

Em fevereiro de 1838, o Presidente general Elzeário de Miranda Brito visando derrotar os republicanos que sitiavam Porto Alegre, executou a seguinte manobra:

Embarcou suas tropas em Porto Alegre e as desembarcou na margem esquerda do Jacuí. Por uma manobra desbordante dos rios Caí, Sinos e Gravataí tentou cair sobre os sitiantes, pela retaguarda.

Estes, ao comando do coronel José Mariano de Mattos, levantaram o sítio e retraíram para cima da Serra de onde avançaram sobre Lajes, em Santa Catarina. Bento Gonçalves pressionou Porto Alegre, mas foi rechaçado pelo general Elzeário ao longo do Jacuí, até Rio Pardo. Esta foi retomada pelos imperiais em março de 1838. Os republicanos reagiram e recuperaram Rio Pardo, em 30 de maio de 1838, na maior e mais retumbante vitória das que obtiveram sobre o general Elzeário. Logo a seguir restabeleceram o sítio de Porto Alegre, cujo sistema de defesa, na base de trincheiras, Hélio Moro Mariante abordou em 1985.

Na segunda tentativa de general Elzeário de desbordar os sitiantes foi anulada com a vitória obtida pelos republicanos, em Caí, em 1º de fevereiro de 1839, ao comando do Gen. Bento Manoel Ribeiro.

No campo naval os imperiais neutralizaram baterias republicanas dos fortes do Itapoã e morro da Fortaleza, e na fronteira da ilha do Junco, na estreita entrada à Lagoa dos Patos, no rio Guaíba. Neutralizaram também a interferência de barcos farrapos, na navegação imperial, segundo Moacyr Flores em recente estudo, ao longo da Lagoa dos Patos, por navegarem em comboios. Tentaram destruir o estaleiro republicano no rio Camaquã (Passo do Mendonça), tudo isso em 1838.

Logo a seguir, em 1839, teve lugar a expedição republicana terrestre e naval a Santa Catarina visando a conquista de um porto de mar, em Laguna, para a República Rio-Grandense. O capitão José Garibaldo, comandante da marinha da República, depois de construir os *lanchões Seival e Farroupilha* no estaleiro do rio Camaquã, atravessou a Lagoa dos Patos e transportou os barcos para o rio Tramandaí. Fez então longa a épica travessia, com os barcos transportados em enormes carretas. Do rio Tramandaí atingiu o oceano e depois Laguna, em Santa Catarina, somente com o lanchão *Seival*,

sob o comando do norte-americano John Griggs, em razão de o *Farroupilha* haver sido engolido por uma tempestade em alto-mar. Proclamada a êfemera República Juliana ela teve seu epílogo com a derrota da esquadra republicana pela Imperial, no combate naval de Laguna, de 15 de novembro de 1839, segundo recente estudo de Andréa Frota, mestre do Colégio Naval.

A expedição a Laguna, em julho de 1839, acompanhada do abandono definitivo a causa republicana, para um período de neutralidade, pelo general; Bento Manoel Ribeiro, em 18 de julho de 1839, lugar com o Partido Liberal no poder no Rio, desde abril de 1839.

Assim, coma malograda expedição a Laguna e abandono de causa republicana pelo general Bento Manuel, encerrou-se a fase áurea da República Rio-Grandense, com capitais em Piratini e Caçapava, de onde editaram o jornal oficial *O Povo*. Expedição a Laguna revivida por Luiz Oscar Malezenbacher em excelente e substanciosa reportagem. *O amor de Garibaldi por Anita contado em dois manuscritos* (*Zero Hora*, Porto Alegre, 20 de setembro de 1985).

4ª Fase – Declínio da República Rio-Grandense (18 jul 1839 – dezembro de 1842 – cerca de três anos e meio)

O ano de 1839 terminou para os republicanos com a derrota naval em Laguna, em 15 de novembro de 1839 e com a vitória terrestre de Santa Vitória (Bom Jesus) em 14 de dezembro de 1839, em que forças retirantes de Santa Catarina, ao comando do cangüçuense Cel. Teixeira Nunes, bateram e dispersaram a Divisão Paulista, ou Divisão da Serra, que invadira o Rio Grande, a partir de Lajes, em Santa Catarina.

O ano de 1840 foi inicialmente de equilíbrio. Assumiu comando-das-armas da província o general Manoel Jorge Rodrigues. Ele decidiu logo por atacar os republicanos que sitiavam Porto Alegre.

Planejou desbordar o sítio como o tentara duas vezes, sem êxito, o general Elzeário. Só que agora com mais forças e depois de operar junção, na margem direita do rio Caí, com coluna ao

mando do brigadeiro oriental Izaias Bonifácio Calderon, após partir do canal São Gonçalo, próximo a Pelotas, e atacar Caçapava, a capital da República, fato recém estudado por Cassol e Abrão. Com resultado dessa manobra teve lugar, em 3 de maio de 1840, a indecisa batalha de Taquari e, no campo estratégico – a consolidação do sítio republicano de Porto Alegre.

O grande endividamento interno e externo da República abalou seu crédito por esta época, com reflexos negativos no apoio logístico à guerra e na unidade do movimento. Tiveram então lugar as primeiras gestões visando à pacificação. Circunstância coincidente com a Maioridade de D. Pedro II.

Em 10 de julho de 1840, já com o Partido Liberal novamente no poder, no Rio, teve lugar o mais sangrento combate da Revolução, em São José do Norte, imortalizado recentemente em expressivo óleo de Guido Mondim. Combate sangrento assinalado por nobres gestos dos comandantes rivais – Bento Gonçalves e o coronel Antônio Soares de Paiva, defensor da cidade do Rio Grande.

A falta de infantaria tornou-se gritante para os republicanos.

Em 14 de maio de 1841, Bento Gonçalves reassumiu a presidência em São Gabriel.

Assumiu a presidência do Rio Grande o general Soares Andréa – o futuro Barão de Caçapava, que foi estudado por José Andréa. Concentrou seu esforço em obrigar os republicanos a levantar o sítio de Porto Alegre.

Andréa, com o concurso de forças navais e terrestres, em torno de Porto Alegre, tentou cercar os republicanos que a sitiavam.

Lançou contra eles, a partir de Santa Catarina, uma divisão ao comando do general Pedro Labatut, veterano de Napoleão e da Guerra da Independência na Bahia, reedição da malograda Divisão Paulista ou Divisão da Serra. Assim Porto Alegre serviria de bigorna e a Divisão Labatut de martelo. Em Taquari, interposto entre Porto Alegre e a Campanha, Andréa deixou forte efetivo destinado a cortar a retirada dos sitiantes de Porto Alegre, pretendida reedição da armadilha da ilha de Fanfa. Para fugir à armadilha, Canabarro e Bento Gonçales, sucessivamente, deixaram o sítio de Porto Alegre e marcharam para Cima da Serra, ao encontro de Labatut, visando também atingir a Campanha, por um amplo movimento desbordante,

que foi o mais épico feito terrestre farrapo a espera de um Taunay, segundo Coelho de Souza em *Projeto pró-memória Farroupilha*.

Eles anularam a manobra de Labatut, conseguiram atingir a Campanha, por Santa Maria, desbordando Taquari. Mas enfraqueceram o sítio de Porto Alegre que foi levantado sem esforço.

Andréa, apesar do insucesso de Labatut, conseguiu uma grande vitória estratégica, altenativa da derrota pretendida dos sitiantes. Ou seja, obrigá-los a levantar, em definitivo, o sítio de Porto Alegre. A partir dessa vitória, as forças da terra imperiais, com apoio naval, foram se espraiando e se fixando em pontos fortes e ao longo das barrancas norte do Jacuí e afluentes confinando os republicanos na Campanha Rio-Grandense e nas Missões (São Borja e Cruz Alta), tendo como capitais São Gabriel e depois Alegrete. Nas missões, com pontos fortes em São Borja e Cruz Alta. A região de Cima da Serra passou ao controle imperial.

O general João Paulo dos Santos Barreto, agora o comandante imperial, concentrou seu Exército, um forte com 5.000 homens, na região de Cachoeira (Passo São Lourenço). Sua estratégia era penetrar na Campanha e procurar travar uma batalha campal com os republicanos. E assim, procedeu uma longa marcha pela Campanha, de 4 de março – 13 de junho de 1841, ao longo da qual sofreu uma guerra de desgate ou de recursos, eufemismo de guerra de guerrilhas. Chegou ao final, na estância do Carmo, margem direita de Ibicuí, em 21 de julho de 1841, destituído do comando, com a Cavalaria quase a pé, a Infantaria extenuada e desfalcada pela peste, disenteria e deserções. Enquanto acreditava estarem os republicanos fugindo de um combate decisivo, estes estavam desenvolvendo uma guerra de guerrilhas típica da área chamada então, repito – guerra de recursos.

Aproveitando o insucesso desse *raid*, imaginaram os republicanos um ataque a Rio Grande que não foi efetivado, mas preocupou seriamente a Corte.

O governo central, desde março sob controle dos líderes do Partido Conservador, substituiu o general João Paulo, pelo marechal Tomas Joaquim Pereira Valente e Conde do Rio Pardo, ex-Ministro da Guerra.

Este, durante o longo período de 14 meses, não alterou o quadro estratégico. O esforço operacional do Império voltava-se então para Minas e São Paulo. Mas dedicou-se a preparar-se logisticamente, ou seja, refazer-se dos desgates sofridos pelo general João Paulo. Fardou o Exército, colocou em dia os vencimentos com atraso de 7 meses, recebeu esforços de 5.450 homens, ou metade do efetivo total dos 11.000 enviados ao Sul, desde 1835. Esta foi a sua grande contribuição, mas no campo da Logística de que a estratégia conforme impunha a situação, o que não foi inépcia.

As revoluções liberais de Minas Gerais e São Paulo haviam trazido um alento moral aos republicanos. Mas este espírito pouco perdurou, pois a discórdia entre os republicanos já começara a lavrar. Discórdia que se evidencou, mais tarde, na instalação da Assembléia Constituinte, em Alegretem em 1º de dezembro de 1842, ocorrida cerca de 20 dias depois de Caxias haver assumido, em Porto Alegre a presidência da Província, cumulativamente com o Comando-das-Armas.

5ª Fase – A Pacificação do Rio Grande (9 nov 1842 – 1º mar 1845 – cerca de 28 meses)

Ao assumir a Presidência e o Comando-das-Armas, em 9 de novembro de 1842, Caxias precedido da justa aura de Pacificador do Maranhão, São Paulo e Minas Gerais, encontrou o seguinte quadro estratégico:

a tropa imperial, forte de 11.500 homens, mantinha grandes efetivos no corte de São Gonçalo, face a Pelotas e, em Porto Alegre e Rio Pardo.

O grosso do Exército acampava no estratégico Passo de São Lourenço, no rio Jacuí, a montante de Cachoeira do Sul.

Era passo chave para o ingresso na Campanha Rio-Grandense e nas Missões. Já fora usado para concentrar o Exército Demarcador de Gomes Freire, na guerra Guaranítica (1754-56), pelo marquês de Barbacena, para concentrar o Exército do Sul, depois de Passo do Rosário – 20 de fevereiro de 1827 e depois pelo general João Paulo em 1841, para investir a Campanha.

O grosso do Exército estava demonstrando, mas refeito logisticamente da desgastante expedição do general João Paulo.

A marinha exercia pleno domínio das águas navegáveis do Rio Grande: Lagoa dos Patos e Mirim e rio Jacuí, etc.

Os republicanos dominavam a Campanha e as Missões com cerca de 3.500 homens. Estavam com o controle de quase todas as cavalhadas da Província e fechavam as fronteira do Uruguai e da Argentina ao recebimento de cavalos pelo Exército Imperial.

Na Missões, com base em São Borja, atuava o coronel Joaquim Teixeira Nunes e, com base em Cruz Alta, o tenente-coronel Gomes Portinho que acabamos de estudar. Em Cima da Serra atuavam contigentes republicanos esparsos.

Caxias iniciou a Campanha transportando, por terra, 7.000 cavalos de Rincão dos Touros, em Rio Grande, após fixar Netto em Piratini e Canabarro face ao Passo São Lourenço. Atravessou o São Gonçalo no Passo da Barra. Depois de costear a Lagoa dos Patos e o rio Jacuí, por cerca de 80 léguas, atingiu o Passo São Lourenço. Caxias desenvolveu esforços nos seguintes pontos, o que conseguiu plenamente, em que pese desgastante e persistente ação do Exército da República, sob a liderança de Canabarro de desgastar e evitar o combate (Guerra de recursos):

1 - conquistar superioridade em cavalhadas, relativamente aos republicanos e com isto superá-los em mobilidade ou capacidade de manobrar;
2 - ocupar as povoações da Campanha e Missões com Infantaria e Polícia fortificá-los, se necessário, com trincheiras, caso de Canguçu, ou com fortes – caso de São Gabriel (Forte Caxias) e Santa Maria (Forte da Imperatriz);
3 - melhorar as fortificações de Rio Grande e Porto Alegre (bases terrestres e navais);
4 - abrir as fronteiras nos rios Uruguai e Quaraí e, em Santana do Livramento, ao recebimento de cavalos adquiridos no Uruguai e Argentina;
5 - fechar estas fronteiras para o mesmo fim aos republicanos;
6 - fazer transportar sua Infantarua a cavalo e abrir mão da Artilharia de Campanha, para maior mobilidade, conservando-a em sua Divisão;

7 - com o concurso dos caudilhos Oribe e Rosas fechar as fronteiras em Santana e nos rios Quaraí e Uruguai, às imigrações dos republicanos;
8 - estimular, no Rio Grande, no Uruguai e na Argentina, a reação e a cooperação econômica e militar de imperiais, ou dissidentes dos republicanos, imigrados naqueles países, ou, os neutralizados pelos republicanos no Rio Grande;
9 - desenvolver em Passo do Rosário, Rincão Del Rey, em Rio Pardo e no Rincão dos Touros, em Rio Grande, junto ao canal São Gonçalo, invernadas de cavalos para manter a mobilidade de seu Exército superior à dos republicanos;
10 - não levar a guerra contra a população civil, estimulando-a a sobreviver economicamente e não requisitando dela recursos, como havia feito o general João Paulo (mandou inclusive Chico Pedro recuperar a igreja de Canguçu que estava quase em ruínas);
11 - proteger a invernada de Rincão dos Touros (Toratama), inclusive com auxílio da Marinha, no corte de São Gonçalo e com expedições preventivas contra a Serra dos Tapes (Canguçu e Piratini) donde podiam partir ataques;
12 - oferecer o perdão e anistia aos que depusessem armas (Dec. 18 de dezembro de 1844);
13 - tratar da paz em condições honrosas, negociar com firmeza, mas em alto nível de consideração aos negociadores republicanos, não transigindo com propostas de separação do Rio Grande do Império;
14 - forçar o grosso dos republicanos para a Serra dos Tapes e baixada na faixa entre os rios Jaguarão e Camaquã e Lagoas Mirim e dos Patos, último reduto farrapo;
15 - conservar para si a direção estratégica da guerra e atuar taticamente com o concurso de oficiais rio-grandenses especializados naquele modo de luta típica das coxilhas que se estava travando. Assim recorreu ao brigadeiro Bento Manoel e ao tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu ou Chico Pedro, conhecedores da terra e gente rio-grandense;
16 - lançar no centro do "reduto mais farrapo", a Serra dos Tapes (Piratini e Canguçu) com base de operações em Canguçu, atual,

nó orográfico desta serra, a Ala direita do seu Exército, ao comando do citado tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu, o célebre Moringue, o mais competente guerrilheiro imperial e a partir de agosto de 1843, conforme estudamos em *Canguçu, reencontro com a História* (Porto Alegre, IEL, 1984);

17 - lançar no momento decisivo suas reservas em cavalos, de Rincão dos Touros, para fechar a fronteira do Jaguarão à Revolução, ao único apoio externo que recebiam através do general Rivera;

18 - conduzir a guerra no inverno, para provocar o desgaste das cavalhadas republicanas e de seus soldados, por negar-lhes apoio nas povoações, quebrando uma tradição na área, de interromper a guerra no inverno;

19 - desenvolver esforços para arruinar cavalhadas republicanas. Isto por obrigá-los a intensa movimentação, ao combater no inverno; por fechar-lhes as fronteiras a importações de cavalos; por localizar e tomar suas invernadas e proteger as invernadas imperiais de Passo do Rosário, Rincão del Rey e Rincão dos Touros de incursões como a que aconteceu, com êxito, em Passo do Rosário e uma malograda sobre Rincão dos Touros;

20 - procurar apressar a paz para prevenir interferência de Rosas e da Inglaterra, que esboçou desejos de proteger os farrapos, segundo Antônio da Fontoura, em seu Diário. Não se travaram encontros expressivos nesta fase. Os mais significativos foram os de Ponche Verde, a surpresa de Porongos, dois combates de Canguçu e o combate do Serro de Palma, em Candiota, última vitória republicana. Em 1º de março de 1845, em Ponche Verde foi selada a Paz da Revolução Farroupilha. Foi reencontro da Família Brasileira envolvida em lutas fratricidas desde a Abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831.

Por desejo dos revolucionários, Caxias foi mantido na Presidência da Província do Rio Grande. De Ponche Verde a Bagé e depois até Porto Alegre, Caxias foi ovacionado.

Ligou-se desde então afetivamente aos rio-grandenses republicanos que se tornaram seus amigos e colaboradores nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-52) e da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-70).

A Revolução Farroupilha, se foi mal para a unidade nacional, pelas cerca de 3.000 vidas que imolou, resultou num benefício para a preservação da Soberania e Integridade nacional, por haver se constituído num laboratório de táticas e de formação de chefes de Cavalaria para as guerras externas de 1851-52 e 1864-70, onde imperiais e republicanos "marcharam irmanados lado a lado, ombro a ombro", em defesa da Soberania e da Integridade do Brasil.

Mais da metade do Exército Imperial esteve ao final da Revolução Farroupilha ao comando de Caxias.

Na ação de Caxias observa-se a ênfase que emprestou os princípios de guerra da Manobra, da Ofensiva, da Segurança e da Unidade de Comando.

Com isto pôde enfrentar a estratégia do fraco contra o forte, ou a guerra de guerrilhas nas coxilhas do Rio Grande, baseada nos princípios de guerra da Manobra, da Segurança, da Economia de Meios e fundamentalmente da Surpresa.

Conclusões

Quando tiveram início as negociações de paz que culminaram com a Paz de Ponche Verde, segundo Henrique Oscar Widersphan, os farrapos reconheciam a precariedade de sua situação, confinados a uma área da Província quase sem recursos, sem disporem de nenhuma vila ou povoado como base de suas operações, ou para servir de sede ao que restava do governo e administração civil, vagando sem destino certo e procurando evitar um confronto com a coluna principal de Caxias. D.Pedro II decidiu ainda terminar a guerra nas condições propostas pelos farroupilhas, basicamente estruturadas por Bento Gonçalves, e disto encarregou Caxias que desde então declarou "*estar disposto a carregar com qualquer responsabilidade, que possa sobrevir, uma vez que tenho consciência de que obro no bem da Província e do Brasil*".

Por estar doente, Bento Gonçalves mandou o pelotense Ten. Cel. Ismael Soares da Silva representá-lo em reunião convocada por David Canabarro para deliberarem sobre a Paz. Independente da

representação, mandou sua opinião a respeito, que sintetizo, em carta a Canabarro, de 22 de fevereiro de 1845, da Estância do Velho Netto:

"Tendo emitido minha opinião, resta repetir-vos que a paz é absolutamente necessária, que os meios de prosseguir a Guerra se escsseiam, o espírito público [opinião pública] está contra qualquer idéia que tenda a prolongar seus sofrimentos, classificando de caprichosa a continuação da atual. *Uma conclusão é sempre preferível aos azares de uma derrota e a história antiga e moderna nos fornecem mil exemplos que não devemos desprezar"* (o grifo é do autor).

E, em carta de 6 de março de 1845, a Dionísio Amaro da Silva, cinco dias depois da Paz de Ponche Verde, Bento Gonçalves faz justiça a Caxias ao escrever:

"Sabes melhor que ninguém que aceitei a negociação da Paz ao ponto de ir convosco ao Campo do Barão de Caxias, depois de muitas viagens que para aquele efeito ali havia ido. Sabes que o mesmo Barão de Caxias havia acordado o meio de uma paz verdadeiramente digna de ambas as partes ... *Por fim termos uma paz que 'so conseguimos algumas vantagens pela generosidade do Barão de Caxias. Deste homem verdadeiramente amigo dos riograndenses, que não podendo fazer-nos publicamente a Paz, por causa da péssima escolha dos negociadores e da estupidez sem igual dos que a dirigiram, nos fez o Barão o que já não podíamos esperar, salvando, assim, em grande parte, nossa dignidade.* 'Finalizando a carta escreveu:

"Sigo para a minha pequena fazenda, unicamente com a ingente glória de achar-me o homem, talvez, mais pobre do país."

Bento Gonçalves em realidade foi que fez as primeiras sondagens de paz com Caxias e das quais resultou o esboço que se concretizou. Caxias então manlou responder a Bento Gonçalves que dissesse as condições de paz, solicitadas pelos Farrapos, que desde que não fosse a separação da Província, podiam pedir o que quisessem, pois tinha poderes para tratar do assunto e que o envio de emissários à Corte era só para preencher formalidades, segundo ainda o Ten. Cel. Oscar Wiedersphan citado em *O Convênio da Ponte Verde.* Porto Alegre: IEL/DAC, 1979. Assinada a paz, Caxias teve dificuldades, por pressão dos escravocratas, de cumprir a "clá-

usula IV – São livres e como tais reconhecidos todos os cativos que serviram à Republica Rio-Grandense."

Os escravocratas a julgavam uma afronta ao direito de propriedade.

Chegaram a exigir o cumprimento do artigo 5º das Instruções Reservadas de 18 de dezembro de 1844, enviadas a Caxias :

"5º - *Os escravos que fizerem parte das forças rebeldes apresentadas serão remetidos para esta Corte à disposição do Governo Imperial que lhes dará o conveniente destino.*"

Canabarro ia cedendo, no que foi desestimulado por Vicente da Fontoura. Canabarro entregou 120 soldados negros dos célebres Lanceiros negros farrapos do 1º Corpo de Lanceiros e outra de um Batalhão de Caçadores para serem levados para a Real Fazenda de Santa Cruz no Rio de Janeiro, inicialmente como escravos estatizados. Lanceiros negros farrapos sobre os quais escrevemos em o *Negro na Sociedade do RGS* (Porto Alegre, IEL, 1975).

Mas o barão resistiu à pressão. Concedeu-lhes a alforria prometida, antes de embarcarem para a fazenda de Santa Cruz no Rio, com a condição de não retornarem ao Rio Grande, como era imposto. Aplicou, então, o Aviso Ministerial de 19 de novembro de 1838 que assegurou liberdade a todos os soldados republicanos ex-escravos que desertassem de suas fileiras e se apresentassem às fileiras imperiais, segundo Wiedrsphan em seus estudos sobre a Pacificação.

Assim, entre cumprir a instrução reservada que implicava em manter escravos fora do Rio Grande, os negros que lutaram pela República e libertá-los totalmente, conforme a Convenção de Ponche Verde, conciliou a divergência, libertando os soldados negros da República para enviá-los, nesta condição, para a Real Fazenda de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Penso, até prova em contrário, que eles ficaram no Rio Grande incorporados ao Exército. Mais adiante em local próprio voltaremos ao assunto.

Projeções culturais da Revolução – Pioneirismo abolicionista

Descrito o desenvolvimento da Revolução Farroupilha conclui-se que ela provocou as seguintes conseqüências culturais à

medida que nos afastamos daquele tempo histórico chamado também Decênio heróico.

Desde 1891 foram adotados como símbolos do Rio Grande do Sul a bandeira, o brasão e o hino da República Riograndense, assunto que abordamos.

No campo cultural militar ela se constitui num laboratório de táticas, estratégias militares e mais do que isto uma escola de formação de líderes de combate. Líderes que depois de combaterem por cerca de 10 anos em campos opostos se irmanaram nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-52), contra a Guerra do Uruguai em 1864 e contra Lopes do Paraguai de 1865-70.

No campo cultural e civil, no contexto da valorização exigida pelo Rio Grande do Império foi inaugurado em 1846 o Liceu D. Afonso, nos moldes do Colégio D. Pedro II, por iniciativa do Barão de Caxias e na presença do Imperador. Iniciativa cultural, alicerce de todo o edifício educacional do Rio Grande do Sul.

Pouco mais tarde como conseqüência cultural, o Rio Grande do Sul foi contemplado no 26º aniversário da Revolução Farroupilha com a Escola Militar de Porto Alegre, pioneira do ensino superior no Rio Grande e com grandes repercussões culturais, através das escolas militares que ali se sucederam, seja através de seus alunos ilustres como o Marechal Câmara e 2º Visconde de Pelotas. A partir daí foram formadas várias gerações de militares riograndenses que passaram a ter grande influência nos destinos do Exército e até do Brasil. Foi numa Escola Preparatória e Tática, sucessora que em 1898 surgiu o Grêmio Gaúcho com oficiais, alunos e civis sob a liderança do Cel. de Cavalaria João Cezimbra Jaques, hoje consagrado patrono do Movimento Tradicionalista gaúcho, republicano e destacado cultor das Tradições Farrapas. Movimento de culto às tradições farrapas que ressurgiu forte há mais de 50 anos com o Centro de Tradições 35, homenagem a epopéia farrapa iniciada em 20 setembro de 1835 em Porto Alegre.

E do CTG 35 o Tradicionalismo cresceu em escala geométrica, com forte influência cultural enraizada no Decênio Heróico, movimento transriograndense do Sul presente em quase todos os Estados e até no exterior.

A influência cultural da Revolução Farroupilha se faz sentir forte na poesia, na literatura, na música.

Não se pode ignorar a influência cultural da República Riograndense, a única experiência republicana efetiva no Brasil antes de 15 de novembro de 1889, na República Brasileira.

Foi do Rio Grande e sob a influência de lideranças que partiu o Gen. Deodoro da Fonseca para a sua caminhada que culminou com aproclamação da República.

E entre as figuras mais destacadas naquele momento estavam 4 gaúchos: o Ten. Cel. João Nepomuceno Medeiros Mallett, bageense que foi encarregado de embaixar D. Pedro II, Cel. Simeão de Oliveira, riograndense que parlamentou com D. Pedro II, detalhes da sua renúncia, major Freder Solon Ribeiro, porto-alegrense ex-aluno da Escola Militar de Porto Alegre encarregado de entregar a carta a D. Pedro II, e o capitão Mena Barreto que chegou do Sul reunindo-se com os... trazendo o apoio deles.

A Revolução farroupilha contribuiu muito para o ideal republicano concretizado em 15 de novembro de 1885 através da obra pioneira de valorização da Revolução escrita pelo J. F. Assis Brasil. *História da Revolução Riograndense* São Paulo, 1887. Obra ponto de inflexão de desprezo e marginalização de rebeldes farrapos pelo heroísmo e pioneirismo republicano dos mesmos. Idéia que ganhou força em pouco tempo com esta primeira versão farrapa que se contrapôs a imperial até então dominante.

Outra influência cultural marcante foi o dar-se o nome de Palácio Piratini à sede do governo do Rio Grande do Sul, lembrando que foi a 1ª capital farroupilha e onde a República Riograndense viveu os seus dias de maior glória.

Hoje traduz bem as consequências da Revolução Farroupilha, as comemorações da Semana Farroupilha realizadas em todos os Rincas do RGS.

Isto é o que nos caberia escrever no curto espaço de um artigo no limiar do 3º milênio.

Em 10 de junho de 1936, centenário do combate do Seival que criou condições para a Proclamação da República Riograndense, fundamos o Instituto de História e Tradições do RS, destinado a comemorar as efemérides centenárias do Decênio Histórico. É com

base esse orgulho de haver cumprido sua missão através de encontro realizado em diversos locais. E mais por estar deixando mais que a revolução.

(Palestra pronumciada no dia 6 de outubro de 1998).